

ENTREVISTA

Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella (por Cristiano Mezzaroba)

RESUMO

Entrevista concedida por Pier Cesare Rivoltella a Cristiano Mezzaroba, em agosto de 2024, para a seção temática “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital” da Revista Motrivivência (LaboMídia-UFSC), em edição associada com o GTT 2 – Comunicação e Mídia/CBCE.

PALAVRAS-CHAVE: Pier Cesare Rivoltella; Entrevista; Dossiê

Pier Cesare Rivoltella

Doutor em Ciências da Comunicação Social
(Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, Itália)
Alma Mater Studiorum, Universidade de Bolonha,
Departamento de Artes,
Bolonha, Emila Romagna, Itália
pier.rivoltella@unio.it
<https://orcid.org/0000-0002-8802-0107>

Cristiano Mezzaroba

Doutor em Educação (UFSC)
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de
Educação Física (DEF/CCBS/UFS) e Programa de
Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS),
São Cristóvão, SE, Brasil
cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Interview: Pier Cesare Rivoltella (by Cristiano Mezzaroba)

ABSTRACT

Interview given by Pier Cesare Rivoltella to Cristiano Mezzaroba, in August 2024, for the thematic section "Brazilian Physical Education and contemporary challenges: responsibilities, commitments and dialogues with media, technologies and digital culture" of Motrivivência Magazine (LaboMidia-UFSC), in an edition associated with GTT 2 - Communication and Media/CBCE .

KEYWORDS: Pier Cesare Rivoltella; Interview; Dossier

Entrevista: Pier Cesare Rivoltella (por Cristiano Mezzaroba)

RESUMEN

Entrevista concedida por Pier Cesare Rivoltella a Cristiano Mezzaroba, en agosto de 2024, para la sección temática "Educación Física brasileña y desafíos contemporáneos: responsabilidades, compromisos y diálogos con los medios, tecnologías y cultura digital" de la Revista Motrivivência (LaboMidia-UFSC), en edición asociada con el GTT 2 - Comunicación y Medios/CBCE.

PALABRAS-CLAVE: Pier Cesare Rivoltella; Entrevista; Dossier

Considerações iniciais sobre a entrevista

Ter o privilégio de trazer algumas considerações iniciais antes de expor a entrevista com o Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella se configura em um exercício de rememoração de como ocupamos o lugar profissional, científico e social que estamos.

Foi no período que cursei o Mestrado em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina, entre 2006 e 2008, que, dentre tantos privilégios (estudar na universidade pública; ter a orientação do Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires – um dos precursores nos estudos que envolvem comunicação e Educação Física; ser bolsista CAPES), soube da oferta, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da disciplina Seminário Especial Mídia-Educação – Pesquisa com crianças e jovens, ministrada pela Profa. Dra. Gilka Girardello (também presente nesta seção temática, entrevistada pela Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg), durante o segundo semestre de 2006, meu primeiro ano de mestrado. Além de aulas bastante interativas e estimulantes, no mês de novembro daquele ano, em colaboração com o NICA – Núcleo de Infância, Comunicação, Cultura e Arte, tivemos o I Seminário de Pesquisas em Mídia-Educação, ocorrido na UFSC.

Nesse evento, além de conhecer várias outras referências do campo das mídias, tecnologias e educação, como Telma Anita Piacentini (fundadora do NICA/UFSC) e Monica Fantin (que na época estava finalizando seu doutorado em Educação), tive o primeiro contato com o Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella, vindo da Itália.

Além de suas participações como palestrante e como professor convidado em mesa redonda no evento, participou do Seminário Avançado trazendo suas produções e reflexões que se envolviam, lembro-me bem, a discussão sobre jovens e tecnologias, sobre cidadania, mídias e educação, e principalmente, o que hoje poderíamos entender como uma epistemologia referente à mídia-educação e suas três dimensões: a instrumental, a crítica e a produtiva.

As memórias acionadas para fazer essa introdução de sua entrevista me trazem outras duas situações: foi muito marcante escutar, de um professor italiano, com um português perfeito (o que revela o cuidado e também o prazer que percebíamos dele em estar em Florianópolis, estar no Brasil – e não por acaso, ele circulou e circula por muitos lugares e certamente é muito bem recebido e bem vindo) sobre a importância de Paulo Freire e sua epistemologia, também para quem estuda comunicação, mídias e educação. Até hoje continuo a pensar que precisamos do “olhar de fora” para conhecer e reconhecer o que temos no Brasil de bom e potente!

A outra situação é algo que costumo dizer em todas disciplinas que ministro (na graduação em Educação Física ou na pós-graduação em Educação) quando a temática envolve as mídias e tecnologias: o Prof. Rivoltella mostrou-se surpreso e curioso quando eu e outros dois colegas da

Educação Física (Prof. Diego de Souza Mendes, hoje na Universidade Federal de São João Del Rey/MG, e Prof. Rogério Santos Pereira, hoje na Universidade Federal de Santa Catarina/SC, grandes amigos e colegas que admiro) apresentamo-nos como sendo jovens pesquisadores da... Educação Física! Rivoltella, lembro-me, inicialmente perguntou: “Como assim?”. Ao apresentarmos de forma breve o que estávamos estudando, disse: “Gostaria que tivessem pessoas assim na Educação Física da Itália para pensarmos em fazermos coisas juntos”.

A presença dele em vários outros momentos, principalmente em Santa Catarina, suas falas em eventos, sua participação na organização de obras (indicadas ao final desta entrevista) e suas produções, tem nos permitido fazer várias coisas juntos! Com as mediações das professoras Gilka Girardello e também de Monica Fantin (uma entrevista com ela pode ser lida aqui: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/134154>), o Prof. Pier Cesare Rivoltella torna-se um importante agente intelectual que contribui para que o campo da Educação Física se atente e se mobilize para as questões do contemporâneo, no que concerne aos aspectos que envolvem corporeidade, mídias e tecnologias.

De forma muito gentil, em março de 2024 ele foi contactado por Whatsapp, aceitou o desafio em meio a toda sua agenda, e em agosto do mesmo ano, enviou-nos a entrevista em um arquivo digitado, com seu excelente português. Na sequência, apresentamos, então, suas ideias, reflexões e contribuições para que sigamos pensando no exercício da educação e da formação com as mídias, tecnologias e cultura digital. Antes, uma breve síntese do seu fazer acadêmico-científico.



Pier Cesare Rivoltella atualmente é professor titular de Didática e Tecnologias Educacionais no Departamento de Artes, na Universidade de Bolonha, Itália. Possui graduação em Filosofia e doutorado em Ciências da Comunicação. Foi fundador e é o atual presidente da SIREM – Sociedade Italiana de Investigação em Educação para a mídia) e editor das revistas “REM – Research on

Educacion and Media” e da “EaS – Essere a Scuola”, além de integrante de vários comitês científicos de revistas especializadas, na Itália, no Brasil e em vários outros países. Tem coordenado o Programa Nacional de Doutorado em Ciências da Aprendizagem e Tecnologias Digitais. Atuou como consultor de pesquisa do CNPq no Brasil, colaborando com diversas universidades brasileiras: professor visitante na PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, além disso, tem ministrado cursos em diversas universidades italianas e estrangeiras e divulgando de forma intensa suas produções sobre alfabetização midiática, tecnologia educacional e pesquisa didática.

<https://www.unibo.it/sitoweb/pier.rivoltella/en>

A entrevista

1. *Inicialmente, gostaríamos que você traçasse um panorama histórico a partir de sua trajetória no campo que envolve Educação com mídias, tecnologias e cultura digital. E, também, como você observa, atualmente, essas relações com as tecnologias no contexto educativo e formativo.*

Estou envolvido na educação para a mídia desde 1990. Nessa altura, ensinava Semiótica e Filosofia da Comunicação na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma e, com Roberto Giannatelli, iniciamos uma experiência com um grupo de professores romanos. As referências nesses anos eram Elizabeth Thoman, Len Masterman, John Pungente. Em 1991, iniciamos um programa de Escola de verão sobre Educação para a Mídia; esse programa, em 1998, deu origem a um Curso Universitário Avançado em Educação para os *Media* na Universidade Católica de Milão que foi concluído em doze edições. Entretanto, mudei-me como professor para a Universidade Católica de Milão, onde trabalhei como chefe de projeto no Centro Universitário para a Educação Contínua e à Distância (CEPAD), que se ocupava do *e-Learning* e da formação de professores universitários. Entretanto, em 1996, com Roberto Giannatelli, fundei a *MED – Associação Italiana de Educação para a Mídia*, com o objetivo de difundir a consciência e a cultura sobre as questões da educação para a mídia em Itália. Nesse mesmo ano fui a Paris, para o Fórum Internacional da UNESCO *Les Jeunes et les Medias, demain*. Marcou o início de uma longa colaboração com um grupo de acadêmicos e amigos: Jacques Gonnet, fundador e diretor do CLEMI durante anos; com ele Evelyne Bevort e Isabelle Breda, também do CLEMI, Thierry Desmedt, professor da Universidade de Lovaina, Andrew Burn da Universidade de Londres, Luc Giroux da Universidade de Montreal, Vitor Reja Batista, da Universidade do Algarve em Faro. A colaboração deu origem a

publicações, conferências e a uma investigação importante, Mediapro (2004-2006) sobre a Internet e a Juventude. Em 2007, com outros colegas, fundei a Sociedade Italiana de Investigação sobre a Educação para a Mídia (SIREM), da qual sou o atual presidente. Três anos antes, na Universidade Católica, tinha fundado o CREMIT (Centro de Investigação sobre Educação para a Mídia, Inovação e Tecnologia): dirigi-o até 2023, quando fui chamado para a Universidade de Bolonha. Hoje, a minha perspectiva é a mesma de todos estes anos: uma perspectiva positiva, que procura oportunidades em vez de riscos nos meios de comunicação social.

2. *Há uma diversidade e complexidade de nomenclaturas (Mídias, TDIC, Plataformas digitais, Letramento Digital, Alfabetização Midiática e Informacional, Literacias de Mídia e Informação etc.) na pesquisa, ensino e extensão. Qual o referencial teórico-conceitual que você se identifica e qual(quais) terminologia(s) escolhe adotar em suas ações acadêmicas e investigativas?*

O meu quadro teórico de referência em matéria de tecnologias educativas é o sociotécnico. Gosto de pensar na tecnologia como o outro lado da dimensão social. Isto evita o risco de dar demasiada importância à tecnologia, pensando que só ela pode produzir efeitos (determinismo tecnológico), mas também de sobrestimar a dimensão social, acreditando que são os usos da tecnologia e não a tecnologia mesma que produz efeitos (determinismo social). Assim: a tecnologia tem *affordances*, disponibilidade para ser utilizada de uma determinada forma, e no encontro com as expectativas e objetivos dos sujeitos esta disponibilidade pode ser atualizada.

Quanto à nomenclatura, falo de “Mídia”, simplesmente, e de “Novas Literacias” para me referir a todas as Literacias (Literacia da Informação, Literacia dos Dados, Literacia da IA, Literacia Ambiental etc.) que hoje contêm e alargam o significado tradicional daquilo a que sempre chamamos “Literacia dos Media”.

3. *Diante das experiências que tivemos em todos os campos da vida em decorrência da pandemia de Covid-19 (entre 2020 e 2023) e do isolamento/distanciamento social obrigatórios, como você analisa a vida em “modo remoto” e outras questões, como “educação à distância”, homeschooling, Inteligência Artificial ou outros aspectos que deseje destacar?*

A pandemia representou uma oportunidade curiosa para todos os envolvidos na tecnologia educativa: tudo aquilo que muitos sempre tiveram dificuldade em aceitar ou que sempre consideraram uma opção de recurso (comunicação mediada, ensino à distância) tornou-se

subitamente uma necessidade. O problema é que não se deu resposta a esta necessidade numa base metodologicamente fundamentada, mas sim enfrentando a situação com soluções muitas vezes ditadas pelo senso comum e não pela investigação. Foi assim que se definiu a chamada Educação em Situação de Emergência (ERE), uma situação clara que colmatou lacunas, mas também alimentou problemas.

Compensou deficiências: sem a ERE, teríamos tido de encerrar escolas; graças a ERE, os alunos mantiveram de alguma forma o contacto com professores e colegas. Mas a aprendizagem não se beneficiou certamente com ela: a ERE quase nunca seguiu as indicações metodológicas para um ensino à distância correto; resultou no envio de videoaulas muito longas sem saber se os alunos as seguiram ou não. Mas, acima de tudo, não apoiou os alunos emocionalmente e, de facto, no período pós-pandemia, eles mostraram muitos problemas: aumento do retraimento social, aumento da automutilação, aumento das tentativas de suicídio.

Penso que, mais do que uma perda de aprendizagem, a pandemia representou uma perda de capital social, de um sentimento de pertença à comunidade. E, de facto, creio que não saímos melhores, mas sim piores; mais individualistas, mais intolerantes, mais fechados na nossa vida privada.

4. *De acordo com sua perspectiva teórica e sua observação da realidade, quais dificuldades aponta quanto às relações educativas envolvendo mídias, tecnologias e cultura digital?*

Atualmente, a maior dificuldade encontrada na relação com os meios digitais está relacionada com o controlo das ferramentas. O Ministério da Educação na Itália, por exemplo, acaba de proibir a utilização de telemóveis [dispositivos celulares] nas aulas, mesmo para fins pedagógicos, até ao oitavo ano do Ensino Fundamental. O problema parece ser o poder dos instrumentos sobre as crianças consideradas incapazes de se defenderem deles. É por isso que a sociedade adulta proíbe, dita regras, estabelece regulamentos. Na minha opinião, esta perspectiva perde de vista o verdadeiro problema, a *Bigger Picture*, como lhe chama Buckingham no seu *Media Education Manifesto*, e é que o problema não são as ferramentas, mas o capitalismo digital. Enquanto nos preocupamos com o telemóvel, os nossos filhos e nós próprios estamos imersos num ambiente mediático que obtém e utiliza os nossos dados a toda a hora para orientar o nosso consumo e as nossas escolhas. Para mim, este é o verdadeiro problema e o verdadeiro desafio: está em causa a liberdade de expressão e de pensamento.

5. *Ainda de acordo com a sua perspectiva epistemológica e/ou com investigações que já realizou ou vêm realizando, qual(is) desafio(s) contemporâneo(s) identifica como sendo o mais relevante quanto às dinâmicas sociais e culturais envolvendo educação, mídias, tecnologias, cultura digital e também a inteligência artificial?*

Penso que o maior desafio é, por um lado, a perda do referente e, por outro, a mediação das relações. O que é que quero dizer com a perda do referente? Refiro-me a imagens e informações que já não podem ser rastreadas até um objeto, até à realidade dos factos. Estas imagens são frequentemente autorreferenciais, ou seja, representam coisas que não existem na realidade. Estou a pensar em imagens manipuladas com retoques fotográficos, estou a pensar em falsificações profundas (*deep fake*) geradas com IA. Aqui o problema é o da reflexão crítica. A outra questão, a mediação das relações, refere-se a uma esfera social em que as relações são cada vez menos diretas, mas quase sempre mediadas pelos meios de comunicação social. Isto implica a perda da imediatez, mas também a possibilidade de fingimento, de dissimulação e de “protesisação da competência”. Com esta última expressão, refiro-me à possibilidade de delegar aos *media* aquilo que temos vergonha de fazer: acabar com a minha namorada, anunciar que não vou a um encontro, despedir o meu empregado. Já não damos a cara: escondemo-nos atrás dos *media*.

6. *Considerando-se a Educação Física no campo educacional e formativo, quais aproximações, observações e constatações você tem realizado no que concerne à participação de agentes da Educação Física no envolvimento entre Educação/Formação e mídias, tecnologias e cultura digital?*

Penso que o nosso é, de certa forma, o século do corpo. Por várias razões. Porque o corpo tende a desaparecer nos *media*, parece já não ser necessário, e o facto de os *media* o tornarem inútil parece ser um grande ganho (sem corpo, graças a uma videoconferência, “viajo” num instante de Itália para o Brasil, e sem sair de casa). Mas o nosso século é também o século dos *media* porque a investigação determinou que somos “corporais” e que toda a nossa experiência emocional ou conhecimento passa pelo corpo. Assim, a Educação Física conquista um espaço proeminente na investigação e na educação. Se os *media* retiram o corpo, cabe à Educação Física explicar-nos o que acontece neste caso. Se a nossa vida emocional e cognitiva é “incorporada”, cabe à Educação Física trabalhar em conjunto com a psicologia e a pedagogia para construir um novo modelo de “educação incorporada”.

7. *Observando de “fora” do campo da EF, como avalia o fato de, no Brasil, o componente curricular Educação Física compor a Área de Linguagens, a partir da Base Nacional Comum Curricular de 2018? Que reflexões poderia fazer a respeito, em relação às possibilidades, mas também às problemáticas envolvidas nesse processo?*

O corpo é uma linguagem. O corpo fala através das suas posturas, das suas ações. O corpo tem muitas linguagens: a linguagem do rosto, dos gestos, da sexualidade. E nesta linguagem exprime-se o nosso ser: não temos simplesmente um corpo (Körper) mas somos o nosso corpo (Leib). E não é só isso. Lakoff mostrou muito bem nos seus estudos como a nossa linguagem, mesmo a mais abstrata, nasce do corpo através de um processo de metaforização. Quando digo que esta entrevista “abriu” com uma pergunta sobre o meu percurso histórico e quando digo que “fechei” a minha palestra citando Paulo Freire, estou a usar metáforas. Normalmente, não se abre uma entrevista, não se fecha uma conferência: abre-se e fecha-se uma porta, uma janela. O que é que me permite então utilizar a mesma expressão? A metáfora, a transferência do primeiro significado (abrir uma porta, uma janela) para o segundo (abrir uma entrevista, uma conferência). O que é que torna isto possível? A experiência corporal de abrir e fechar. Não é apenas o nosso corpo que tem a sua linguagem, é toda a nossa linguagem que, em última análise, se funda no corpo.

8. *O que você pensa sobre a expressão “experiências inovadoras”, que se tornou bastante comum no campo educativo e universitário brasileiro? O que você considera como relevante, importante, estimulante e efetivo naquilo que envolve os conteúdos escolares - e no caso específico da EF, poderíamos pensar na cultura corporal de movimento como objeto de ensino - em um trabalho pedagógico que considere também as mídias e tecnologias?*

Atualmente, o termo “inovação” na educação é demasiado utilizado. O que é que significa inovar em didática? O que é que é realmente novo e que ainda não foi inventado? Penso que se trata apenas de retórica: retórica política, retórica acadêmica. Queremos dar a conhecer que estamos à frente, que estamos atualizados: inovamos. Mas depois, se eu for ver, não preciso de um professor para ser inovador: preciso que ele seja significativo para os seus alunos, que os ajude a aprender eficazmente, que contribua para os tornar homens e mulheres conscientes. E, por isso, acredito que isto pode ser conseguido mesmo com um ensino muito tradicional. Se dou aulas, sem aparelhos digitais, sem ferramentas; se uso a palavra, o gesto, o corpo para apoiar o meu desempenho; se faço tudo isto com um conhecimento profundo da minha disciplina; se, ao fazê-lo, entro numa relação

profunda com os meus alunos, os meus olhos e os deles brilham, ressoamos, como disse Hartmut Rosa; não terei alcançado o melhor resultado possível?

Nisto a cultura da Educação Física é de grande ajuda, porque o professor performa: é uma mente-corpo que se relaciona no espaço com outras mentes-corpos, e faz-se com o você [outro], com a mímica facial, com o gesto. Tudo isto é muito físico, precisa de treinamento, de um conhecimento profundo do próprio corpo e das suas possibilidades expressivas.

9. *Poderia sugerir alguma(s) produção/publicação sua (antiga e/ou recente) que acredita ser um importante suporte teórico para aqueles(as) que atuam no contexto pedagógico e sociocultural da Educação Física?*

Sugero dois livros: *Drammaturgia didattica. Corpo, pedagogia, teatro*. Brescia: Scholé, 2022; *Neurodidattica. Insegnare al cervello che apprende*. Milano. Raffaello Cortina, 2024.

10. *Gostaríamos de algumas palavras finais, pensando na temática desta seção temática – “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, e também se gostaria de deixar registrado mais alguma coisa que não tenha sido contemplada nas questões anteriores.*

Lessing, grande escritor e filósofo, um dos maiores expoentes da cultura alemã no século XVIII, escreveu: “Rodeado de livros, num escritório estreito e poirento, esquece-se facilmente o corpo; e sabe-se que o corpo deve ser tratado tão bem como a alma, se ambos quiserem atingir os mesmos graus de perfeição de que são capazes.”

Obras organizadas (em português):

- 1) Livro – Cultura digital e escola. Pesquisa e formação de professores, organizado por Monica Fantin e Pier Cesare Rivoltella, com publicação pela Editora Papyrus em 2012.
- 2) Livro – Episódios de aprendizagem situada e multiletramentos na escola, na pesquisa e na formação, organizado por Monica Fantin e Pier Cesare Rivoltella, com publicação pela Editora Appris em 2021.

Artigos publicados (em português e em periódicos brasileiros):

- 1) RIVOLTELLA, Pier Cesare. Mídia-educação e pesquisa educativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 119-140, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p119>.
- 2) RIVOLTELLA, Pier Cesare. Formar a competência midiática: novas formas de consumo e perspectivas educativas. **Revista Comunicar**, v. XIII, n. 25, 2º sem. 2005. Disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=25&articulo=25-2005-167>.

Participações em *lives* e *webinários*:

- 1) *Live* Formativa IVG: Mídia-educação – com Monica Fantin e Pier Cesare Rivoltella (2020): <https://youtu.be/pVOWAugzL0I>
- 2) Participação do Prof. Pier Cesare Rivoltella, abordando sobre “O que é mídia-educação” na Palestra de Abertura da 4ª Jornada de Debates Mídia e Imaginário Infantil, em Florianópolis/SC, dia 03 de agosto de 2007: https://youtu.be/L_IxBT_yZA0

Entrevista:

Entrevista com o Prof. Pier Cesare Rivoltella, feita por Monica Fantin, abordando sobre “O papel das novas tecnologias na escola”, disponível no *site* do NICA/UFSC – Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte:

https://www.nica.ufsc.br/entrevistas/entrevista_rivoltella.htm

Homenagem ao Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella feita pela Revista Motrivivência:

Texto escrito pela Profa. Dra. Monica Fantin em 2017 – “Pier Cesare Rivoltella: encontros, parcerias e contribuições”, disponível no *link*:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/52293>

Mais informações sobre sua atuação podem ser visualizadas nos seguintes endereços:

- 1) <https://scholar.google.com/citations?user=rofwyxIAAAAJ&hl=pt-BR&oi=ao>
- 2) <https://www.unibo.it/sitoweb/pier.rivoltella/en>
- 3) <https://it.linkedin.com/in/piercesarerivoltella>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Ao entrevistado, Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella, pela atenção e disponibilidade.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

O segundo autor do trabalho, Cristiano Mezzaroba, é Bolsista PDE – Pós-Doutorado no Exterior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, realizando o Estágio de Pós-Doutorado na UNSAM – Universidad Nacional de San Martín, Argentina.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Enviada pelo próprio participante da entrevista, com seu consentimento.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 15.08.2024

Aprovado em: 15.08.2024

